

Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia

Ethnobotanical study in community quilombola Salamina/Putumujú in Maragogipe, Bahia

DOI 10.5935/2446-4775.20170006

¹LISBOA, Marisa dos S.*; ²PINTO, André S.; ³BARRETO, Philippe A.; ²RAMOS, Ygor Jessé; ³SILVA, Mayara Q. O. R.; ⁴CAPUTO, Maria C.; ³ALMEIDA, Mara Zélia de.

¹Universidade Federal da Bahia, Instituto de Biologia, Departamento de Botânica, Campus Ondina, Salvador, BA, Brasil.

²Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Farmácia, Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Campus Ondina, Salvador, BA, Brasil.

³Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Farmácia, Departamento de Medicamento, Campus Ondina, Salvador, BA, Brasil.

⁴Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Colegiado do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Campus Ondina, Salvador, BA, Brasil.

*Correspondência: marylis@hotmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivos revitalizar e documentar os conhecimentos tradicionais relativos às plantas de uso medicinal, utilizadas pela comunidade quilombola Salamina/Putumujú, Maragogipe, Bahia, realizando a sua identificação botânica e registrando o uso prático, visando auxiliar nos estudos químico, agrônomo e farmacêutico. O estudo teve como base a pesquisa-participante por meio de entrevistas e questionários semiestruturados. O universo amostral foi constituído de 50 famílias informantes, todas residentes no município há mais de cinco anos. Foram entrevistadas pessoas de ambos os sexos, entre 20-90 anos de idade, e foram realizadas turnês guiadas, fotografias e vídeos com a permissão de cada entrevistado. As plantas foram coletadas no mês de abril de 2014, na presença do entrevistado em campo. Neste estudo, levantou-se 126 etnoespécies vegetais para fins medicinais e/ou ritualísticos, sendo que, destas, 70 espécimes foram coletados e determinados, distribuídos em 22 famílias, 38 gêneros e 36 espécies. As famílias mais citadas foram: Poaceae, Myrtaceae, Fabaceae, Verbenaceae e Anacardiaceae. Após identificação, as espécies nativas foram predominantes com 54%, seguidas das exóticas com 29% e das naturalizadas com 17%. Os dados obtidos no Quilombo Salamina/Putumujú demonstram que a comunidade é detentora de um conhecimento rico sobre a flora medicinal da localidade e destaca-se a diversidade botânica existente na região.

Palavras-chave: Etnobotânica. Plantas medicinais. Quilombo. Medicina popular. Mata Atlântica.

Abstract

This study aims to rescue and document the traditional knowledge of the medicinal plants used by the quilombo Salamina / Putumujú, Maragogipe, Bahia, performing their botanical identification and recording practical use, aimed at assisting chemical, agronomic studies and pharmacists. The research was based on the participant observation through interviews and semi-structured questionnaires. The sample universe consisted of 50 reporting families, all residents of the municipality for more than five years. Interviewed people of both sexes, between 20-90 years of age. Walk-in-the-woods, photos and videos with the permission of each subject were held. The plants were collected in April 2014 in the presence of the informant in the field. This study collected 126 plant ethnospecies for medical and / or ritualistic purposes, and, from these, 70 specimens were collected and determined, distributed in 22 families, 38 genera and 36 species. The most cited families were Poaceae, Myrtaceae, Fabaceae, Verbenaceae and Anacardiaceae. In relation to plants identified to species level, the native 54% were predominant, followed by exotic 29% and 17% naturalized. Data from the Quilombo Salamina / Putumujú demonstrate that the community holds a rich knowledge of medicinal flora of the locality and stands out from the existing botanical diversity in the region.

Keywords: Ethnobotany. Medicinal plants. Quilombo. Folk Medicine. Atlantic Forest.

Introdução

O conhecimento tradicional é uma importante herança para as comunidades e culturas que os desenvolvem e os conservam, além disso, concebe de forma expressiva, dados para as sociedades de todo o mundo, e este pode ser definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, conduzido por meio da oralidade, de geração em geração (DIEGUES e ARRUDA, 2001; RODRÍGUEZ, 2012).

Por meio do “saber local” podem surgir maneiras sustentáveis de utilização e, conseqüentemente, de conservação *in situ* dos recursos naturais existentes nas florestas, estes, por sua vez, correm o risco de se perder devido a diversos fatores, tais como: falecimento ou doenças nas pessoas mais idosas, as quais são os principais detentores do conhecimento tradicional (PEIXOTO e SILVA, 2011). Outro ponto importante relacionado às perdas do conhecimento tradicional está vinculado à facilidade de acesso da população à medicina convencional (AMOROZO, 2002).

Convém mencionar que o processo de valorização da medicina convencional hegemônica, em detrimento aos saberes tradicionais, abrange em maior número as populações mais jovens, no entanto, decorre em larga escala, em toda a sociedade. Não obstante, a urbanização das cidades e a migração da comunidade rural para as áreas urbanas são fatores que, aliados à perda de quintais e ao desinteresse das novas gerações pelo aprendizado sobre o conhecimento básico das técnicas fitoterápicas, podem levar ao completo desaparecimento dos saberes tradicionais, acumulados pelos seus antepassados ao longo do tempo (VEIGA-JUNIOR, 2008).

Não obstante, apesar do avanço tecnológico e o aumento nos números de farmácias e drogarias, o uso de plantas para fins terapêuticos, ainda, é bastante vivenciado em áreas urbanas, nas comunidades de baixa

renda e nas zonas rurais, em que, muitas vezes a tradição cultural, as dificuldades financeiras, as distâncias até os centros de saúde, torna inacessível a busca pela medicina convencional (AGRA, 1996; VEIGA-JUNIOR, 2008).

Deste modo a pesquisa etnobotânica desponta como uma importante ferramenta para o conhecimento acerca das relações dos indivíduos com as plantas, as quais podem ser utilizadas para diversos fins, desde alimentação, produção de lenha, ornamentação, construções de casas e, principalmente, na medicina popular que caracteriza-se pelas práticas de cura, hábitos e tradições que fortalecem as relações sociais e oferece opções aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia. Neste trabalho o termo medicina popular refere-se exclusivamente ao uso das plantas medicinais. Tal abordagem coloca a etnobotânica como um importante instrumento para a descoberta de novos fármacos de origem vegetal (ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2006).

No Brasil, as informações e práticas acerca do uso de espécies vegetais para fins terapêuticos tiveram em sua origem, basicamente, três tipos de etnias: indígena, europeia e africana (AGRA, 1996; ALMEIDA, 2016; BORBA e MACEDO, 2006). Estes povos ao longo do tempo acumularam conhecimento e sabedoria a respeito do uso terapêutico das plantas medicinais, em conformidade com práticas de conservação e uso sustentável dos recursos que provêm da natureza, contribuindo para a diversidade biológica (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

Diante da importância da relação estabelecida pelas comunidades quilombolas com a medicina popular brasileira, este trabalho tem por objetivo: a) realizar um levantamento etnobotânico com foco no uso de plantas para fins medicinais na comunidade Salamina/Putumujú; b) contribuir para o resgate e valorização das práticas terapêuticas tradicionais; c) potencializar o uso racional das plantas já utilizadas na comunidade por meio das oficinas de preparação de remédios caseiros através de plantas medicinais.

Material e Métodos

Caracterização do local da pesquisa

A Comunidade Remanescente de Quilombo Salamina, está localizada na foz do rio Paraguaçu, município de Maragogipe, o qual está inserido na bacia do Recôncavo, situado a 12 metros de altitude, está localizado entre as coordenadas geográficas: Latitude: 12° 48' 56" Sul e Longitude: 38° 54' 26" Oeste, Datum SAD-69. A área territorial de Maragogipe é de 440,161 km². A população é de 46.106 (IBGE, 2010).

A localidade situa-se numa extensa área de lagamar entre o ponto de encontro do Rio Paraguaçu com o Rio Guaí, cercado por extensos manguezais. A vegetação original foi substituída pela vasta agricultura de cana de açúcar e fumo, em fazendas que atualmente não são mais produtivas. Mais de 55% dos trabalhadores permanecem trabalhando como meeiros. Esses ocupam-se de todo o trabalho e repartem com o dono da terra o resultado da produção. Os remanescentes de quilombo são originários de comunidades formadas, principalmente, por escravos evadidos e, em alguns casos, por soldados desertores e índios acuados pelos europeus e pela justiça. Atualmente estão distribuídos nas antigas fazendas, trabalham por conta própria, mantendo o hábito de vida simples. Percebe-se que, a agricultura de subsistência e atividades nos rios, tal qual mariscar e pescar são as principais atividades da comunidade. Cultivam-se mandioca, dendê, laranja, além de feijão e outros produtos (INCRA, 2006).

Coleta dos dados

Os dados foram coletados em seis comunidades localizadas no município de Maragogipe, todas pertencentes ao Quilombo Salamina/Putumujú compreendendo as comunidades do Dunda, Ferreiro, Tororó, Olaria e Forte Salamina. O estudo teve como base a pesquisa-participante para conhecer a relação dos moradores locais com as plantas medicinais. Tal pesquisa tem como uma de suas premissas o sujeito social, buscando no decorrer do processo da pesquisa em campo, a participação desses sujeitos como atores sociais e o seu envolvimento junto a ações percebidas conjuntamente (BRANDÃO, 2001; GARROTE, 2004). Dentre os informantes abordados, primeiramente, foi ouvido o líder comunitário do quilombo.

O trabalho de campo foi realizado por uma equipe multidisciplinar, composta por 24 integrantes, dividida em grupos de três pessoas, pertencentes aos cursos de Arquitetura, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Ciências Biológicas, Farmácia, Medicina, Odontologia, Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e uma equipe da SESAB (Secretaria de Saúde do Estado da Bahia); do Programa Promoção da Saúde em Área Remanescente de Quilombo: Promoção Artística, Educação Popular, e Planejamento Intersetorial em Saúde em Maragogipe, todas, previamente treinada para realizar a pesquisa, como sugerido por Albuquerque e Lucena (2004). De acordo com Thiollent e Silva (2007), esse processo pode ser caracterizado como pesquisa-ação. No que se refere às entrevistas, esta durou em média uma hora e trinta minutos no período entre abril a outubro de 2013.

Para obtenção das informações e práticas acerca do uso das plantas medicinais foram utilizados formulários semiestruturados, os quais continham questionamentos de cada entrevistado acerca do nome, apelido, idade, sexo e o tempo de residência na localidade. Outros dados importantes contidos nos formulários foram: nome da planta, parte utilizada, alegação de uso, disponibilidade de acesso, forma de preparo, forma de uso. Outros recursos utilizados para aquisição dos dados consistiram em: turnês guiadas, documentação por filmagens, fotografias e entrevistas gravadas, as quais foram posteriormente transcritas (ALEXIADES, 1996; ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004; ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2006).

Por intermédio do líder comunitário foram contatados moradores mais antigos, os quais possuíam o conhecimento tradicional sobre o uso de plantas para fins terapêuticos. A partir da primeira abordagem foi selecionada uma informante chave, para que indicasse outras pessoas detentoras do conhecimento acerca do uso de plantas medicinais e, assim, durante todo o trabalho, foi possível adotar a técnica conhecida como “bola de neve” (ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004).

Foi entrevistado um integrante de cada uma das 50 famílias visitadas, todos através de consentimento prévio. Essas famílias, todas residentes no município há mais de cinco anos, e constituídas por pessoas de ambos os sexos, na faixa etária de 20-90 anos de idade, sendo 59% do sexo feminino e 41% do sexo masculino. As espécies citadas foram coletadas na presença do informante no campo, anotando-se seu nome vernacular de acordo com Albuquerque e Andrade (2002) e Vendruscolo e Mentz (2006). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética do Instituto de Saúde Coletiva/UFBA sob o número CAAE: 14695913.2.0000.5030 e parecer 524.267.

As coletas das plantas medicinais foram realizadas em matas antropizadas secundárias, em nível médio de regeneração, e nos quintais das residências dos entrevistados. Algumas espécies não foram coletadas,

pois somente o informante tinha domínio de sua localização e possuía idade avançada (>80 anos) para realizar locomoção até a região.

O material botânico coletado foi prensado e herborizado de acordo com Mori (1989). Posteriormente, com auxílio de microscópio estereoscópico, bibliografia específica, comparações com exsicatas depositadas no Herbário Alexandre Leal Costa (ALCB) e consultas a especialista, quando necessário, foram determinados espécimes. O sistema de classificação adotado foi o APG III (*Angiosperm Phylogeny Group III*).

As exsicatas das espécies coletadas (n=70) foram depositadas no Herbário Alexandre Leal Costa (ALCB), as informações contidas nas exsicatas encontram-se no Banco de Dados, sendo utilizado o Software Brahm VI (Botanical Research and Herbarium Management System) desenvolvido por Denis L. Filer da Universidade de Oxford. As plantas foram incorporadas ao acervo do Herbário ALCB do Departamento de Botânica da Universidade Federal da Bahia.

Os dados obtidos sobre as espécies vegetais foram: a parte utilizada da planta os usos e as formas de preparo (chá, suco, sumo, compressa, xarope e defumador). As formas de utilização foram classificadas segundo Matos (1988). Também, foram analisados os dados quanto à origem biogeográfica – nativa, quando originária do Brasil; exótica, com origem em outros continentes e naturalizadas, plantas que foram introduzidas e estão bem adaptadas no Brasil (MORO et al., 2012). Para a determinação da origem, consultou-se os sites oficiais: Flora do Brasil, IPNI (The International Plant Name Index) e Missouri Botanical Garden, caso não encontrado, buscou-se a literatura especializada.

Resultados e Discussão

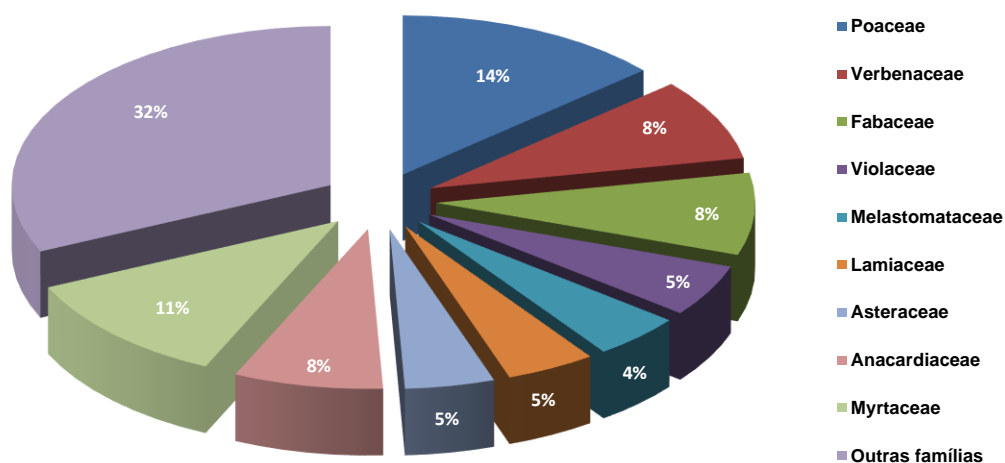
Durante a pesquisa foram levantadas 126 etnoespécies de plantas úteis, destas, 70 espécimes foram coletados e determinados, distribuídos em 22 famílias, 38 gêneros e 36 espécies. (**TABELA 01**). Muitas das espécies vegetais indicadas pela comunidade não foram coletadas, pelo fato dos entrevistados apresentarem problemas de locomoção, tais quais, alecrim-cheiroso, amescla, cortiça, cipó-caboclo, biriba, candeia e a sucupira. Das plantas determinadas relatadas como úteis pelos informantes 25 espécies foram encontradas nos quintais e 13 são originárias da Mata Ombrófila densa.

Foram contabilizadas 146 citações. Dentre as espécies mais citadas estão o capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) (18); erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br) (12); pitanga (*Eugenia uniflora* L.) (11); arroiozinho (*Zornia latifolia* Sm. var. *latifolia*) (10); barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville) (8); maria-preta (*Varronia verbenaceae* (DC.) Borhidi) (8); purga-do-campo (*Hybanthus calceolaria* (L.) Oken) (7) citações.

No presente estudo foram relacionadas 35 indicações terapêuticas, destacando-se a atividade anti-inflamatória para tratamento sintomático da gripe com 15 espécies cada. Seguida de atividade analgésica, relatadas para (10); nos transtornos hepáticos e renais foram mencionadas 10 espécies; e para problemas estomacais foram citadas (08). Resultados semelhantes foram encontrados por Parente e Rosa (2001), em Barra do Piraí, Rio de Janeiro, e Teixeira e Melo (2006) no município de Jupi, Pernambuco. Vale ressaltar o uso para vários fins do *Cleome aculeata* L. (cecé) família Cleomaceae, espécie de uso medicinal pouco divulgado em outras regiões da Bahia.

As famílias mais representativas em número de citações (**FIGURA 1**) foram: Poaceae (18); Myrtaceae (17); Fabaceae (15); Verbenaceae (11); Anacardiaceae (10); Boraginaceae (7); Violaceae (7); Melastomataceae (7); Lamiaceae (6); Asteraceae (6); Outras famílias (42). Estas também foram registradas como as mais predominantes em diversas localidades do país (GIRALDI e HANAZAKI, 2010; LEITE e OLIVEIRA, 2012; BARBOZA et al., 2012).

FIGURA 01. Percentual das famílias botânicas mais representativas das espécies medicinais citadas pela comunidade Quilombola Salamina/Putumujú.



Quanto ao total das plantas úteis relatadas (**FIGURA 02**), 54% são nativas, seguidas das exóticas com 29%; e das naturalizadas com 17%. Este fato aponta a vegetação local como principal fonte de recursos na comunidade quilombola. Resultado semelhante também foi verificado por Peixoto e Silva (2011).

FIGURA 02. Percentual das espécies nativas, exóticas e naturalizadas utilizadas no Quilombo Salamina/Putumujú, Maragogipe – BA.



Em etnopesquisa realizada em outra cidade do Recôncavo Baiano, São Francisco do Conde, observou-se semelhantes resultados quanto à utilização das espécies nativas (ALMEIDA et al., 2014). Por outro lado, é importante salientar que o estímulo à utilização das espécies nativas de uma determinada região, precisa estar associado principalmente com projetos que visem sua conservação, cultivo e gestão, desta forma, propondo mitigar os danos causados ao ecossistema local, devido ao aumento expressivo da colheita, este evento pode acarretar um impacto cultural ocasionado pela distribuição de produtos oriundos dos saberes tradicionais (ALMEIDA et al., 2014 apud DIEGUES e ARRUDA, 2001).

Outro ponto importante para a pesquisa etnobotânica é o preparo das plantas. Nas seis comunidades visitadas, as formas de preparo seguem padrões descritos por vários pesquisadores (SIMÕES et al., 1986; VENDRUSCOLO e MENTZ, 2006; PILLA, AMOROZO e FURLAN, 2006; AGRA, 1996; BARBOZA et al., 2012), havendo, neste estudo, predominância dos chás com 83%, tanto por infusão quanto por decoção; os xaropes caseiros, conhecidos, também, como lambedores, atingiram 5% das citações, sendo usados, principalmente, em enfermidades infantis; os sucos e sumos apresentaram um percentual de 4% cada; seguidos do uso tópico e banhos (4%) incluindo os banhos íntimos; bochecho e compressa com 2% cada um.

Em sua grande maioria, os entrevistados afirmaram que obtiveram o conhecimento sobre o uso das plantas por meio de seus familiares, os quais são transmitidos de geração a geração de forma oral (RODRÍGUEZ, 2012; CASTELUCCI et al., 2000; CAVÉCHIA e PROENÇA, 2007; PASA e ÁVILA, 2010). De acordo com Peixoto e Silva (2011) este fato pode ser um indicativo que a maioria dos entrevistados não sabe ler e escrever, principalmente as pessoas mais velhas. Entretanto, na localidade do Forte Salamina, crianças já reconhecem algumas plantas medicinais, isso pode ser um forte indício que o conhecimento está sendo passado entre gerações.

No entanto, apesar da participação de crianças nas coletas das plantas medicinais alguns dos entrevistados foram categóricos ao afirmar que não há interesse dos mais jovens em aprender acerca do uso das plantas medicinais e sobre a história da formação do quilombo na comunidade. Este fato também foi relatado por Pasa e Ávila (2010).

O uso das folhas para preparo dos remédios caseiros pela comunidade quilombola obteve 75% das indicações, seguidas da planta inteira (9%); entrecasco (8%); raiz (4%); caule (2%); exsudato, fruto e flor (1%) cada. Resultados semelhantes foram encontrados por Barboza e colaboradores, (2012); Silva e Freire (2010), Pilla, Amorozo e Furlan (2006); Brito e Senna-Valle (2011); Borba e Macedo, (2006). Para Castellucci e colaboradores (2000), uma ideia possível para o fato das folhas serem as mais predominantes em vários estudos etnobotânicos, está relacionado com a disponibilidade das mesmas, pois, são fáceis de coletar e estão presentes na planta durante todo o ano.

As mulheres representam a maioria dos informantes (59%) demonstrando desta forma, o papel destas como responsáveis pelos cuidados com a saúde e o bem-estar da família. A literatura confirma que os cuidados primários com a saúde utilizando plantas medicinais, em várias publicações de diversas comunidades, são delegados às mulheres (BARBOZA et al., 2012; PEREIRA et al, 2005; BORBA e MACEDO, 2006; CUNHA e BORTOLOTTI, 2011). Este elevado percentual de mulheres está relacionado, em geral, com a facilidade de obtenção das plantas medicinais, geralmente encontradas nos quintais e arredores das casas. Quando as plantas utilizadas são espécies encontradas na mata ou em locais distantes, os homens da família são geralmente os escolhidos para sua coleta (SANTOS et al., 2012).

TABELA 01. Lista das plantas citadas na comunidade Quilombola Salamina/Putumujú conforme: Família botânica; nome científico; nome vernacular. Parte utilizada da planta; forma de preparo; uso/sintomas. Hábito: Arbóreo arbustivo; herbáceo e subarbustivo. Origem: Exótica; nativa e naturalizada.

Família	Nome científico	Nome vernacular	Parte utilizada	Forma de preparo	Uso/Sintomas	Hábito	Origem
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	Benzetacil	Folhas	Chá e uso tópico	Dor de barriga; ferida e inflamação.	Subarbustivo	Nativa
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Folha e flor	Chá e compressa	Verme, catarro, tirar espinho na pele e machucado	Subarbustivo	Nativa
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro-branco, cajueiro vermelho	Entrecasco	Pó e sumo	Ferimento, pós-parto banho de asseio e inflamação	Arbóreo	Nativa
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga-espada, mangueira	Folha	Chá	Gripe	Arbóreo	Ásia
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	Entrecasco e folha	Chá e pó	Banho de asseio, feridas, problemas intestinais.	Arbóreo	Nativa
Asteraceae	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Del.) Sch. Bipex.	Alumã	Folhas	Chá	Dor de barriga, queda de cabelo, gripe e arrotando mal.	Arbustivo	Exótica
	<i>Vernonnanthura brasiliana</i> (L.) H. Rob.	Assa-péixe	Folha	Chá	Febre	Arbustivo	Nativa
Boraginaceae	<i>Varronia verbenaceae</i> (DC.) Borhidi	Maria-preta	Folha, raiz e caule	Chá e xarope	Gripe e inflamação no útero	Subarbustivo	Nativa
Cleomaceae	<i>Hemiscola aculeata</i> (L.) Raf.	Cecé	Folha	Chá, banho e xarope	Banho em crianças, febre e dores no corpo	Herbáceo	Nativa
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana-de-macaco	Folha	Chá	Tiriça	Herbáceo	Nativa
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken.	Folha-da-costa	Chá	Gripe	Gripe	Herbáceo	Naturalizada
Cyperaceae	<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl.) Boeckeler	Capim-estrela	Planta inteira; só a parte da estrela.	Chá, e xarope	Gripe	Herbáceo	Nativa

Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Entrecasco	Chá, uso tópico bochecho	Cicatrizante, gastrite, anti-inflamatório, e dor de dente	Arbóreo	Nativa
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Entrecasco	Infusão na água	Dor na coluna	Arbóreo	Exótica
	<i>Zornia latifolia</i> Sm. var. <i>latifolia</i>	Arroizinho	Planta inteira, folha e raiz	Chá	Febre, gripe, fígado, prisão de ventre, doença de mulher inflamação,	Herbáceo	Nativa
Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Melissa	Folha	Chá	Calmante, e para o coração	Subarbustivo	Exótica
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Quiôô	Folha	Chá	Dor e dente inflamado	Subarbustivo	Naturalizada
	<i>Plectranthus neochilus</i> Schlechter	Boldo	Folha	Chá	Dor de barriga e barriga inchada.	Herbáceo	Naturalizada
Lauraceae	<i>Persea americana</i> L.	Abacate	Folha	Chá	Fígado, pressão, rim e gripe.	Arbóreo	Naturalizada
	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Ness	Canela	Folha	Chá	Gastrite	Arbóreo	Exótica
Malvaceae	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malva	Folha	Chá e uso tópico	Anti-inflamatório, feridas, inflamação, dor de dente, comida que faz mal.	Herbáceo	Nativa
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	Camacho; canela-de-velho	Folha	Chá	Gastrite, fígado dor no estômago, diarreia e dor de dente, inflamação.	Arbustivo	Nativa
Moraceae	<i>Morus alba</i> L.	Amora	Folha	Chá e uso tópico	Inflamação e dor de dente.	Arvoreta	Exótica
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Bananeira	Caule.	Caule (exudado)	Estancar o sangue em casos de ferimentos	Herbáceo	Naturalizada
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Folha	Chá e banho	Gripe	Arbustivo	Nativa

	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá-mirim	Folhas (partes jovens, ápice da planta).	Chá (cozinha três olhos da planta).	Dor de barriga, desinteria.	Arbustivo	Nativa
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.). Stapf	Capim-santo	Folha	Chá e o suco.	Gripe, febre, pressão alta, acalmar;	Herbáceo	Naturalizada
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	João-boradin	Folha	Tira o sumo e bebe	Para verme e para matar os peixes.	Arbóreo	Nativa
Rubiaceae	<i>Borreria verticillata</i> L.	Carqueja	Folha	Chá	Gripe	Herbáceo	Nativa
Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-da-terra	Folha	Chá	Gripe	Arbóreo	Naturalizada
	<i>Citrus bigaradia</i> Loisel.	Limão-cravo	Fruto	Chá com mel e alho	Gripe	Arbóreo	Naturalizada
Solanaceae	<i>Capsicum spp.</i>	Pimenta	Fruto em conserva no vinagre	Uso tópico	Dor de dente	Subarbusto	Nativa
Solanaceae	<i>Cestrum axillare</i> Vell	Corona	Entrecasco	Chá (uso tópico)	Dor de dente	Arbóreo	Nativa
	<i>Solanum paniculatum</i> L	Jurubeba	Folha	Xarope	Gripe	Subarbusto	Nativa
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	Cidreira	Folha e raiz	Chá, xarope e substitui o café	Gripe, calmante, para dormir, pressão alta e cólica.	Subarbusto	Nativa
Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Purga-do-campo	Folha e planta inteira	Chá e banho de assento.	Doença de mulher, inflamação, inflamação vaginal e estômago.	Herbáceo	Nativa
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burn. f.	Babosa	Folha	Sumo	Câncer	Herbáceo	Exótica

Conclusão

De certo que, o modo como os moradores do quilombo Salamina/Putumujú utilizam as plantas na medicina popular estão condicionados não tão-somente à procura de uma eficácia comprovada pelo conhecimento empírico de uso, mas também pela percepção que eles possuem da etiologia das doenças e a terapêutica dos remédios. Por outro lado, as informações adquiridas diante da convivência diária com a natureza, o acúmulo dos saberes tradicionais e a troca dessas informações entre as pessoas da comunidade, contribuem também para a conservação dos recursos vegetais.

Nos últimos anos as plantas têm se tornado objeto de estudo para avaliar a eficácia terapêutica e segurança de uso em uma vasta gama de estudos fitoquímicos, visto que, a demanda por produtos fitoterápicos para fins preventivos e terapêuticos vem aumentando consideravelmente.

Deve-se levar em conta que, embora o emprego das plantas com fins terapêuticos faça parte do cotidiano de grande parte dos entrevistados, não foi descartada a busca por outras formas de tratamento como idas regulares ao médico e o uso de medicamentos alopáticos. Entretanto, o que determina a procura por um remédio convencional ou uma planta é a necessidade da urgência, seja pela disponibilidade da planta indicada para o tratamento ou pelo alto custo do medicamento, bem como, pela falta de assistência médica pública de qualidade.

Desse modo, a deficiência nos sistemas públicos de saúde faz com que se desenvolva uma forma alternativa para tratamento das doenças, baseado na tradição popular, fazendo com que as pessoas busquem o domínio de sua própria saúde pelo uso de remédios caseiros provenientes de espécies nativas ou cultivadas em seus próprios quintais.

Os resultados deste trabalho despertam a atenção sobre a necessidade da conservação da flora do Quilombo Salamina/Putumujú, especialmente, das espécies nativas e de medidas que assegurem o conhecimento tradicional da população local.

Referências

AGRA, M. F. *Plantas da medicina popular dos Cariris Velhos, Paraíba, Brasil: espécies mais comuns*. João Pessoa: Editora União, 1996. 125p.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *SciELO. Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 16 (Supl.), p. 678-689, João Pessoa, 2006. ISSN 1981-528X. [[CrossRef](#)].

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Editora Livro Rápido. NUPEEA, p. 19-35, 2004.

ALBUQUERQUE, U. P; ANDRADE, L. DE H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do Agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *SciELO. Interciência*, v.27, n. 7, p. 336-346, Caracas, 2002. ISSN 0378-1844.

ALEXIADES, M. N. Collecting Ethnobotanical Data: An introduction to basic concepts and techniques. In: ALEXIADES, M. N. (Ed.). *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. Nova York: New York Botanical Garden, p.54 – 93, 1996.

ALMEIDA, M. Z. *Plantas medicinais*. 4ª ed. Salvador: EDUFBA, 221 p. 2016. [\[Link\]](#).

ALMEIDA, M. Z.; LÉDA, P. H. O.; SILVA, M. Q. O. R.; PINTO, A.; LISBOA, M.; GUEDES, M. L.; PEIXOTO, A. L. Species with medicinal and mystical-religious uses in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil: a contribution to the selection of species for introduction into the local Unified Health System. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, n. 24, p.171-184, USA, 2014. ISSN 0102-695X. [\[CrossRef\]](#).

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. SciELO. *Acta Botânica Brasileira*, v.16 n. 2, p.189-203, São Paulo, 2002. ISSN 1677-941X. [\[CrossRef\]](#).

BARBOZA, N. C. S.; DELFINO, A. C. R.; ESQUIBEL, M. A.; SANTOS, J. E. S.; ALMEIDA, M. Z. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II - Bahia, Brasil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012. [\[Link\]](#).

BORBA, A. M. e MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. SciELO. *Acta Botânica Brasileira*, v. 20, n. 4, p. 771-782, São Paulo, 2006. ISSN 1677-941X. [\[CrossRef\]](#).

BRANDÃO, C. R. *A Participação da pesquisa no trabalho popular*. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. p. 223-251.

BRITO, M. R.; SENNA-VALLE, L. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. SciELO. *Acta Botânica Brasileira*, v. 25, n.2, p.363-372. São Paulo, 2011. ISSN 0102-3306 [\[CrossRef\]](#).

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M. I. S.; NORDI, N.; MARQUES, J. G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica Jataí, Município de Luís Antônio/SP: uma abordagem ecológica. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v. 3, n. 1, p. 51-60, Botucatu, 2000. ISSN 1516-0572. [\[Link\]](#).

CAVÉCHIA L A.; PROENÇA, C. E. B. Resgate cultural de uso de plantas nativas do cerrado pela população tradicional da região do atual Distrito Federal. *Heringeriana*, v. 1. n. 2 p. 11-24, Brasília, 2007. [\[Link\]](#).

CUNHA, S. A.; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de plantas medicinais no assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. SciELO. *Acta Botânica Brasileira*, v. 25, n. 3, p. 685-698, São Paulo, 2011. ISSN 0102-3306. [\[CrossRef\]](#).

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; (Biodiversidade, 4). São Paulo: USP, 176p., 2001.

FLORA DO BRASIL. Lista de Espécies da Flora do Brasil, In: [\[Link\]](#). Acesso em: 18 jul. 2015.

GARROTE, V. *Os quintais caiçaras, suas características socioambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamangá, Paraty - RJ*. 2004. 186 p. Dissertação de Mestrado em Recursos Florestais, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004. 186 p. [\[Link\]](#).

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Botânica Brasileira* v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010. ISSN 0102-3306 [\[CrossRef\]](#).

IBGE. 2010 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Cidades. In: [\[Link\]](#) Acesso em: 18 jul. 2015.

IPNI. The International Plant Name Index. In: [\[Link\]](#), Acesso em: 15 jul. 2015.

LEITE, C. V.; OLIVEIRA, GISELE L. Plantas medicinais cultivadas e utilizadas na Associação Casa de Ervas Barranco da Esperança e Vida (ACEBEV). *Revista Fitos*, Porteirinha, MG, v.7, n. 1, p. 26-36, 2012. ISSN: 2446-4775 [\[Link\]](#).

INCRA - Ministério do Desenvolvimento Agrário Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Superintendência Regional da Bahia – SR (05) Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola de Salamina Putumuju Município de Maragogipe – BA. Salvador, 2006.

MATOS, F. J. A. *Introdução à Fitoquímica Experimental*. Fortaleza: Edições UFC, 128p. 1988.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN In: [\[Link\]](#) Acesso em: 28 out. 2016.

MORI, S. A. *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. Ilhéus, BA: CEPLAC, 1989.

MORO, M. F.; SOUZA, V. C.; OLIVEIRA-FILHO, A. T. D.; QUEIROZ, L. P. D.; FRAGA, C. N. D.; NOGUEIRA RODAL, M. J.; ARAÚJO, F. S.; MARTINS, F. R. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? *SciELO. Acta Botânica Brasileira*, v. 26, n. 4, p. 991-999, São Paulo, 2012. ISSN 0102-3306 [\[CrossRef\]](#).

PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. *Rodriguésia*, v. 52, n. 80, p. 47-59. Rio de Janeiro, 2001. ISSN 0370-6583. [\[Link\]](#).

PASA, M. G.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil *Interações*, v. 11, n. 2 p. 195-204, Campo Grande, 2010. ISSN 1518-7012. [\[CrossRef\]](#).

PEIXOTO, A. L. SILVA, I. M. *Saberes e usos de plantas: legados de atividades humanas no Rio de Janeiro*. Editora PUC Rio, 227 p., Rio de Janeiro, 2011. ISBN 9788580060348.

PEREIRA, C.O.; LIMA, E. O.; OLIVEIRA, R. A. G.; TOLEDO, M. S.; AZEVEDO, A. K.; GUERRA, M. F. PEREIRA, R. C. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais utilizadas em dermatologia na cidade de João Pessoa-Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.7, n.3, p. 9-17, Botucatu, 2005. ISSN 1516-0572. [\[Link\]](#).

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. de M.; FURLAN A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botânica Brasílica* v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006. ISSN 1677-941X [[CrossRef](#)].

RODRÍGUEZ, L. M. L. De enfermedades y remedios: la transmisión oral del uso doméstico de plantas con fines medicinales en Campeche, México. *Apuntes*, Bogotá, Colombia, v. 25, n. 1, p. 62-71, 2012. [[Link](#)].

SANTOS, C. M. B.; LISBOA, M. S.; ALMEIDA, M. Z.; SILVA, M. Q. O. R.; GUEDES, M. L. *Plantas medicinais e fitoterapia: desenvolvimento de estratégias de mobilização social e resgate de práticas de saúde tradicionais de matriz africana no município de São Francisco do Conde – Bahia* In: V Congresso Internacional de Plantas Medicinales Productos naturales e Biodiversidad, 2012, Palmira. *Anais*. Palmira: Universidade Nacional de Colômbia Sede Palmira. [[Link](#)].

SILVA, T. S.; FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v.12, n.4, p.427- 435, 2010. ISSN 1516-0572 [[CrossRef](#)].

SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P.; IRGANG, B. E.; STEHMANN, J. R. *Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 174p., il. 1986.

TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. Plantas Medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. *Iheringia, Série Botânica*, Porto Alegre, v. 61, n. 1-2, p 5-11, 2006. [[Link](#)].

THIOLLENT, M.; SILVA, G. O. Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 93-100, Rio de Janeiro, 2007. ISSN 1981-6278. [[Link](#)].

VEIGA-JUNIOR, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. SciELO. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 18, n. 2, p. 308-313, João Pessoa, 2008. ISSN 1981-528X. [[CrossRef](#)].

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia, Série Botânica*, v. 61, n. 1-2, p. 83-103, Porto Alegre, 2006. [[Link](#)].

Conflito de interesses: O presente artigo não apresenta conflitos de interesse.

Histórico do artigo: Submissão: 30/06/2016 | Aceite: 04/04/2017 | Publicação: 22/09/2017

Como citar este artigo: LISBOA, M. dos S.; PINTO, A. S.; BARRETO, P. A.; RAMOS, Y. J.; SILVA, M. Q. O. R.; CAPUTO, M. C.; ALMEIDA, M. Z. de. Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. *Revista Fitos*. v.11, n.1. p. 48-61. Rio de Janeiro. 2017. e-ISSN 2446.4775. Disponível em: <<http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/362>>. Acesso em: 11 maio 2017.

Licença CC BY 4.0: Você está livre para copiar e redistribuir o material em qualquer meio; adaptar, transformar e construir sobre este material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente, desde que respeitado o seguinte termo: dar crédito apropriado e indicar se alterações foram feitas. Você não pode atribuir termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam outros autores de realizar aquilo que esta licença permite.
